

UM OLHAR ONOMÁSTICO AOS NOMES DE ALGUNS SANTOS CATÓLICOS

Maria Sueli de AGUIAR¹

RESUMO

Estudo que reúne análise de alguns hagiônimos no que se refere a sua etimologia, sua história de implantação devotiva relacionada à colonização de Goiás e sua propagação no meio do povo enquanto representação de padroeiro e antropônimos. Nessa análise, aponta-se a importância de conhecer a história dos santos e reconhecer suas intercessões que muitas vezes estão ligadas ao seu próprio nome. Um dos propósitos deste estudo é evidenciar que o hagiônimo muitas vezes revela a história do santo e do lugar em que vivem seus devotos. Importa chamar a atenção ao fato de que muito dos fiéis não relacionam o nome do santo à causa de devoção, como mostraram as pesquisas feitas no projeto “A linguística e colonização de Goiás”. Os pontos abordados etimologicamente são os hagiônimos como *santo*, *Deus*, *anjo*, *Jesus Cristo*, parte dos vários títulos e nomes recebidos por *Nossa Senhora*, bem como de outros santos católicos, a saber, *São Paulo*, *São Pedro*, *Santo Antônio* e outros. Faz parte deste estudo uma amostragem econômica, social e política na ocasião das “descobertas” e fundação das cidades, no período de colonização de Goiás.

PALAVRAS-CHAVE: Hagiônimo; Religião; Economia; Política; Sagrado.

Introdução

Neste trabalho, discutem-se os hagiônimos de alguns santos verificando os processos de nomeação enquanto pessoas que, com o passar de sua vida, foram assumidas como santos para a Igreja Católica Apostólica Romana e/ou para o povo. Muitos desses nomes chamam a atenção quanto à semelhança deles com a atuação profissional da pessoa ou outro fator a ela relacionado durante sua vida, a qual passa a ter uma conotação simbólica para os seus devotos.

¹Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística – UFG – Faculdade de Letras – Departamento de Linguística. Caixa Postal 131 – Campus II (Samambaia) – CEP 74.001-970 – Goiânia – Goiás – Brasil. aguiarmarias@gmail.com.

Importa relatar que esse estudo foi resultado de parte de uma pesquisa maior do projeto “A linguística e a história de colonização de Goiás”. O foco central aqui é tratar dos hagiônimos de alguns santos cultuados pelo povo Brasileiro, enfatizando Nossa Senhora e alguns de seus nomes mais conhecidos nos estados de Goiás, Tocantins, Minas Gerais e São Paulo. Em consequência desse estudo, fez-se necessário incluir e analisar, etimologicamente, outros termos ligados ao sagrado como *santo*, *Deus*, *anjo* e *arcanjo*.

Essa pesquisa sobre os hagiônimos visa mostrar que muitas vezes o próprio nome desses santos revela as causas de por que o povo crê que na intercedência deles, mas notou-se que isso não é percebido pela maioria das pessoas, mesmo em se tratando de termos como *aparecida*, *perpétuo socorro*. O caso mais corriqueiro é o de São Expedito. Sabe-se que a ele é atribuído o título “o santo das causas urgentes” e o significado da expressão “expedito” ou “expedido”, como define um pesquisado, “enviado, mandado”. É entendido pelos devotos desse santo que “o pedido já foi recebido por ele e já foi mandado ao Senhor, então está resolvido”. Ou seja, na crença popular, os pedidos feitos a ele são uma emergência, então, por intermédio dele, esses pedidos serão atendidos e com rapidez.

Outra motivação que fez com que se trabalhasse este tema foi a quantidade de nomes e títulos atribuídos a Nossa Senhora, que é assumida como sendo várias santas, na hora de tê-la como sua santa de devoção, como se pode verificar no decorrer das entrevistas sobre a história de colonização de Goiás.

Essa discussão parte da Onomástica, mas no decorrer das análises envolve etimologia, geografia, história e outras áreas e subáreas de conhecimento que contribuem para melhor compreensão da dinâmica dos hagiônimos e do comportamento religioso do povo.

Inicia-se esta análise tratando da etimologia dos termos *santo*, *Deus*, *anjo*, *Jesus Cristo*, *Nossa Senhora* e suas variações, depois se trata de nomes de alguns santos e santas. Além da etimologia, nessa análise dos hagiônimos, investiga-se também a história de como o santo se tornou referência de santidade, por que tem tal nome, e, quando pertinente, apontam-se contextos políticos e socioeconômicos brasileiros que interferiram na escolha do santo para devoção.

O presente estudo está dividido em quatro itens básicos: Introdução; Discussão teórica; Religião, sagrado e santo; Visão política social, econômica e religiosidade brasileira; Hagiônimos; Considerações finais e Referências.

No final dessa discussão pretende-se entender o significado de alguns hagiônimos, evidenciar que Nossa Senhora é uma única santa, apontando as várias situações que fizeram com que ela recebesse diferentes nomes. Outro propósito aqui é esclarecer os processos que levam uma comunidade a cultuar determinado santo, o que muitas vezes passa a fazer parte dos festejos tradicionais do povo e influencia nos antropônimos e topônimos nacionais.

Discussão teórica

A Onomástica é parte da linguística com ligações a outras áreas de conhecimento, principalmente a História. A expressão *onomástica* vem do grego antigo ὀνομαστική que significa ato de nomear, dar nomes. O seu estudo começa no século XIX quando se ocupa em trabalhar nomes próprios analisando suas origens e formas de nomear.

A Toponímia e Antroponímia é a divisão dos estudos onomásticos. Toponímia se ocupa de estudar nomes de lugares em geral e a Antroponímia se ocupa de nomes e sobrenomes das pessoas.

O presente estudo está voltado a uma das muitas subdivisões da antroponímia que é a hagianímia, a qual se refere ao sacro ou sagrado. De modo específico, trata-se aqui dos nomes que envolvem o sagrado e dos santos e santas cristãos.

Para melhor analisá-los faz-se necessário comentar resumidamente sobre algumas das ciências que obrigatoriamente estão incluídas nestes estudos, como Linguística Histórica, Antropologia, História e outras.

Iniciamos pelo método onomasiológico, que foi se desenvolvendo a partir de alguns estudos como o de Brinkmann, em 1872, que trata do nome para *cavalo* nas línguas românicas e no inglês. Outro estudo também representativo foi o de Luigi Morandi que se ocupou das expressões italianas para “morrer” (1883). Depois, essa área de conhecimento foi-se ampliando e modificando.

A Linguística Histórica tem um papel importante nos estudos onomásticos, principalmente no que se refere à etimologia. Sabe-se que o objetivo principal da linguística histórica não é a etimologia, mas ela estuda também a história individual das

palavras. Uma etimologia exata é um produto importante para o trabalho da Linguística Histórica (Campbell, 2004).

A Antropologia estuda o homem e a humanidade, então ela contribui bastante com a presente análise dos hagiônimos por esses estarem ligados ao comportamento das pessoas e à cultura do povo. O termo *anthropos* (ἄνθρωπος) vem do grego e significa homem e *logos* (λόγος) pensamento.

A História é a ciência que estuda o homem no tempo e espaço, assim, ela é reconhecida como fundamental para se entender os hagiônimos. Essa ciência quer dizer pesquisa, conhecimento adquirido através da investigação. O termo *história* vem do grego antigo ἱστορία que é pesquisar.

Cada uma dessas áreas de conhecimentos contribui para esclarecer os mecanismos criados para reverenciar uma pessoa ou coisa que se tornou sagrado para um povo.

Entende-se que o sagrado é parte inerente ao homem enquanto cultura. Talvez os elementos sagrados se mostrem imperativos para o seu bem estar. Na sequência, discute-se o que é religião, sagrado e santo para o homem e como esse homem se relaciona com esses elementos no dia a dia.

Religião, sagrado e santo

A busca do homem pelo seu criador, ou por um ser que seja maior e mais poderoso que ele, leva-o ao que chamamos de religião. Essa busca se dá de modo diversificado devido à cultura e à geografia em que esse homem está inserido. Joseph Campbell (1994) detalha esse tema de modo muito claro na obra “O poder do mito”. Sabe-se que homem modifica a natureza no decorrer do tempo e também se modifica, assim também acontece com as pessoas e o sagrado.

Está comprovado que o sagrado está presente, se não em todas, na maioria das culturas. Assim, a religião parece ser essencialmente própria do homem e esta está ligada ao sagrado.

Durkheim (1954) assume que as relações sociais, ao serem produzidas, reproduzem-se por meio de rituais e símbolos. Esses ritos e símbolos são sagrados e profanos. No entanto, não entraremos no detalhamento do profano aqui, pois importa

falar do sagrado para trabalhar a ideia de santidade e sua relação entre antropônimos e hagiônimos.

O termo *religião* vem de *re-ligare*, isso é, religar, reler com visão para o alto. Pode-se entender que a religião tem como propósito levar o ser humano a seu lugar de origem. Já o termo *sagrado* vem de *sacrato*, *sacer*, *sacra*, *sacrum*. *Sagrado* é relativo ou inerente a Deus, a uma divindade, à religião, ao culto ou aos ritos e, assim, diz respeito ao que é sacro.

As expressões *santo* e *são* aplicam-se ao que está perfeito, àquele que tem saúde. No latim *sanu*, *a*, *um* aplica-se ao que é ‘são, sadio’. Por uma questão de harmonia fonética, convencionou-se usar *santo* quando o nome referente inicia-se com vogal, por exemplo, Santo André, Santo Antônio e não *São André e *São Antônio, e usar *são* quando o nome referente se inicia com consoante, São Paulo, São Pedro, e não *Santo Paulo e *Santo Pedro.

Santo é uma expressão muito antiga. Já entre os romanos se adorava um deus que chamavam de *sanctus*. Acreditava-se que ele tornava os juramentos e promessas invioláveis, além de predizer seu cumprimento. O seu nome deu-se pelo verbo *sancire*, o que é “consagrado”. *Sanctus* é o particípio passado de *sancire*, aquele que deve ser respeitado acima de tudo, resultando o termo “santo”.

Em termos etimológicos, o verbo *ser* gera *sunt* no latim, assim, *sanctus* “santo” (ct ~ t) entende-se “consagrado” (cum + sacrato). Observando os processos fonológicos tem-se: *sacrato* > *sagrado* (*k* ~ *g* e *t* ~ *d*); *santo* > *sano* (*nto* ~ *no*), *são* (*san.no* > *san.o* > *sã.o* > *são*). Esses termos remetem ao que é perfeito, ao que está além do material, ideal.

A palavra “deus” deriva do latim *dǎus*, *dei* “ser supremo”, em francês *dieu* no século IX-X, em espanhol *dios* no século X, em italiano *dio* no século XI. Nos séculos XII, XIII a forma era *deus*, no século XIV já se tem as formas *deos* e *dioses*. Pela religião e pela teologia, grafa-se essa palavra com inicial maiúscula, e assume-se que essa palavra é usada para tratar de um ente infinito, eterno, sobrenatural e existente por si só; sendo Ele a causa necessária e o fim último de tudo o que existe. <https://pt.wikipedia.org/wiki/Deus>. Acessado em janeiro de 2016.

Nas religiões primitivas, *Deus* é uma designação dada às forças ocultas, aos espíritos mais ou menos personalizados; ídolo fabricado pela mão do homem ao qual lhe presta culto e lhe atribui poderes.

Nas religiões politeístas antigas, Deus é uma divindade superior aos homens e aos gênios à qual se atribui uma influência especial nos destinos do universo. Nas

religiões monoteístas, principalmente o cristianismo, Deus é o ser supremo e criador do universo. Já no catolicismo, Deus é cada uma das três pessoas distintas em um só, Pai, Filho e Espírito Santo. Entende-se que na religião, Deus é a representação figurada de uma divindade.² Outra definição para o ser Deus é EU SOU O QUE SOU que vai resultar nas iniciais YHWH em hebraico, *Y eu, H sou, W o que, H sou*.

O termo *deus* tem origem no latim, significando divindade, deidades em geral. O português é a única língua românica neolatina que manteve o termo em sua forma nominativa original, com o sufixo do substantivo em *-us*. Isso se observa nos dados a seguir:

Italiano: Dio; Espanhol: Dios; Português: Deus; Latim: Deus; Francês: Dieu

Deus e *divus* são termos latinos e $\delta\iota\omega\varsigma$ que significa divino descende do proto-indo-europeu *deiwos* que significa “brilhante/celeste”. *Dyēus* se refere à divindade principal do panteão indo-europeu, cognato ao termo grego Ζεὺς (*zeus*).³ Em outras línguas tem-se o termo partindo de **deiwos* e *deiHwos* pode se fazer uma lista comparativa para se aproximar da origem do termo *Deus* passando por diversas culturas. Em Sânscrito = Deva; Gaulês = Devos; Lituano = Dievos; Irlandês = Dia/Dé; Germânico = Tiuz; Angl- saxão = Tiw; Nórdico Týr.

O significado da palavra *deiHwos* significa “luminoso, brilhante” por derivar de **deiH* que é “brilhar”, de onde origina o termo *dies* do latim que passa a dia; também o nome indo-europeu do deus do céu, *Dye:us*; no grego *Zeus*, latim *Ju:piter*, no indiano *Dayaus*.⁴

O termo *anjo* vem do iraniano tomado de empréstimo pelos gregos *ὁ ἄγγελος*. O significado do termo é “o mensageiro”, “servidores de Deus”, “mediadores de Deus”. Derivado de *tó euaggelion* ~ *to evanguélion* => *o evangelio*. *Aggelein* (grego) “anunciar”, *ho áγγελος* “o anunciador”.

Importa aqui, após o detalhamento de termos ligados ao sagrado, tratar também dos temas economia, espiritualidade e direcionamento religioso por esses, comumente estarem muito próximos entre si. Assim, na sequência, discute-se como esses temas no

2 Informações encontradas na internet no site <http://ciberduvidas.iscte-iul.pt/consultorio/perguntas/a-origem-das-palavras-deus-e-diabo/28323>. Acessado em 4 de outubro de 2015.

3 Informações retiradas da internet no site http://pt.wikipedia.org/wiki/Deus#Etimologia_e_uso. Acesso em 4 de outubro de 2015.

4 Informações obtida na internet no site <http://mitoblogos.blogspot.nl/2006/07/2-palavra-deus.html>. Acessado em 07 de outubro de 2015

Brasil colônia foram se desenrolando e, ainda hoje, mostram-se corriqueiros na citada região, além de apontar que não diferente do ocorrido em outros lugares.

Visão político-social-econômica e religiosidade brasileira

A busca de espiritualidade é algo natural ao humano e normalmente essa busca resulta na escolha de uma religião. Essa escolha nem sempre é algo livre de um contexto histórico, social e político. Unido a esse contexto, muita das religiões tendem a levar as pessoas a uma fragilidade e infantilidade em nome de uma busca de “Deus”, de “agradar a Deus” visando encontrar ter paz ou conforto emocional. Essa busca passa a ser uma via de mão dupla, pois, ao buscar apoio emocional, arrisca-se a perder a autonomia e muita das vezes sem questionar.

A religiosidade no Brasil colônia e sua conotação político social e econômica muitas vezes mostraram-se atreladas. É comum lugares receberem nomes de santo e sabe-se que sempre há um santo que se comemora no dia que os “conquistadores” chegavam a um local.

Segundo alguns relatos dos moradores de localidades históricas de Goiás e Tocantins, os “conquistadores” até definiam o dia de “descobrimento” para ser o dia do santo que eles desejavam e assim o escolhiam. Isso permitia que tal localidade tivesse o nome daquele santo. Esse, por sua vez, viria a ser devotado pelo povo. Assim, criava-se um festejo tradicional e ele tornava-se o santo padroeiro dessa localidade.

Importa acrescentar que fazia parte da bagagem dos “descobridores” uma imagem de santo que levavam para esse lugar que seria “descoberto”. Outras vezes, buscavam ou mandavam vir uma imagem para marcarem o lugar. Esse fato passa a nortear também a religiosidade das pessoas desse lugar.

No estado de Goiás, Minas Gerais, Mato Grosso e Tocantins, tiveram como “acelerador do progresso” os bandeirantes e outros particulares vindos de São Paulo ou mesmo de Portugal. O propósito desses era buscar pedras preciosas e não o desenvolvimento da região. A maioria das cidades históricas desses estados foram criadas devido ao minério que havia na região.

No caso de Goiás e Tocantins, o direcionamento religioso é claramente constatado e confirma-se que a religião era pautada pelas pessoas que chegaram à região

e decidiram por explorá-la. Essa afirmação fica evidente ao observar-se como sugeriram os povoados desses estados e as suas festividades religiosas.

Observou-se, no decorrer das pesquisas nesses estados, que a metodologia usada era quase sempre a mesma. Assim, após confirmarem que havia riquezas naturais, normalmente minérios, decidiam por explorá-los. Então, eles se fixavam na localidade com um grupo de pessoas que já os acompanhavam para trabalhar.

Cada grupo de explorador era comandado por um líder. Esse, muitas vezes, ao tomar posse do lugar doava um terreno para a construção de uma capela ou igreja. A escolha do santo a ser cultuado na localidade, como mencionado, muitas vezes já estava estabelecida por aquele que chefiava o grupo. Isso é extremamente funcional, pois, dessa forma, garantia a manutenção daquelas pessoas que vieram com ele e ainda atraía outras para a localidade.

Com o passar do tempo, muitas dessas localidades aumentaram o número populacional e tornaram-se um lugar opcional para alguns “sem opção” trabalharem. Assim, fica evidente que esses lugares reproduziram a estrutura econômica onde uns são os “donos”, que são aqueles que foram para lá explorar riquezas naturais com o intuito de enriquecerem-se mais, e outros, menos abastados, que iam para lá para sobreviver e contribuir com aqueles já abastados.

Ao considerar a religiosidade como preestabelecida pelos “donos” do lugar, fica transparente que é fora de contexto um povo questionar a escolha de santo para se venerar. Isso fica mais impossível ainda quando os festejos religiosos passavam a tradicionais. Assim, as crenças do povo desses lugares davam-se com base nos símbolos religiosos preestabelecidos por aqueles que decidiram ficar ali e não pelos que tiveram que ficar ali. Isso parece natural, todavia, esses dois fatores desencadearam uma diferença socioeconômica muito grande. E, com o passar do tempo, essa situação vai se reforçando até todos dali considerarem também natural essa dominação econômica, social e política. Acredita-se que os símbolos religiosos, não só podem direcionar a crença da localidade e região, mas também podem pautar o comportamento dos que vivem ali.

Hoornaert et al. (1974) diz que

Na realidade o cristianismo católico é um elemento característico e caracterizante da sociedade na qual vivemos e só conseguiremos entender claramente a cultura cristã que nos foi legada pelo passado se estudarmos como ela funciona no conjunto da vida no Brasil português, quais foram as

articulações com elementos de ordem econômica, política ou social.
(Hoornaert, 1974, *apud* Matos, 2011:314).

As pessoas de cidades históricas fundadas ou não por bandeirantes que pesquisamos disseram que seu santo protetor passou a sê-lo a partir das informações de seus avós ou parentes que, por sua vez, tinham por base o santo padroeiro da localidade em que viveram. Muitas vezes, eles são também os nomes das cidades, os hagiotopônimos.

Com essa informação, pode-se verificar que o povo geralmente segue seus santos de modo tradicional. Então, vê-se como relevante discutir o significado do nome dos santos (hagiônimos) e suas histórias apoiadas em estudos teológicos, etimológicos, religiosos e outros. Durante as pesquisas, pode-se aumentar a curiosidade nas pessoas sobre os hagiônimos e levá-las a uma determinada satisfação quando informadas de algumas particularidades reveladas nesse tipo de estudo que segue.

Hagiônimo

Para abordar os nomes dos santos, os hagiônimos, importa analisar o nome mais reverenciado pelos cristãos, *Jesus Cristo*, que revela algumas novidades que os estudos teológicos trazem de modo científico. Em seguida, trata-se dos hagiônimos relacionados a Nossa Senhora, depois dos de outros santos, incluindo, Padre Cícero, pela grande influência que este teve e tem no Nordeste e no Brasil. Isso acontece mesmo este não sendo canonizado pela Igreja Católica Apostólica Romana.

a. Jesus Cristo

O nome *Jesus* em latim é *Iesus*, *Iesous* em grego. Em hebraico *Yeshua* significando “salvador”⁵. *Josué* era um nome comum entre os judeus. *Yeshua* e sua versão tardia é *Yehoshua*, com adaptação resultou em *Josué*.

O termo *Cristo* em grego *Khistos* significa “o ungido”, *Khístós* do grego clássico “coberto de óleo”, “untado”, “algo espalhado na pele”, neste caso era óleo. A expressão *cristo* era escrito *Xto* [ic.tyó] que significa “peixe”⁶. Em grego “Ichths” era usado como um signo secreto pelos cristãos entre os pagãos. “ICHTHS” correspondem a *Iesous*

5 Em <http://etimologias.dechile.net/?Jesus>. Acesso em 15/09/2015

6 Em <http://hridiomas.com.br/origem-da-palavra-peixe/>. Acesso em 12 de novembro de 2015

Christòs Hyos Soter, (Jesus Cristos Filho de Deus, Salvador). *Cristo* é referente a um título, messias. Em hebraico é *mashiah* de *mashah* que é messias, que por sua vez significa untar, ungir, também encontra a tradução “aquele que foi ungido com azeite para ser declarado rei”⁷.

Muito antes da época de Jesus, uma pessoa, para se apresentar à divindade, deveria “estar limpo”. Isso quer dizer que se fazia uma limpeza corporal refinada na pele da pessoa. Essa limpeza era feita passando-se óleos finos na pele, depois o retirava com um instrumento de metal recurvo. Depois disso, a pessoa estava “limpa”, “untada”, “ungida”.

b. Anjos

Os textos apresentam de forma mesclada quando tratam de anjos e arcanjos. Pelos textos bíblicos, são apresentados três anjos e um arcanjo que são Samuel, Rafael e Gabriel e o arcanjo, Miguel. Já nos textos apócrifos são citados sete anjos, além dos três mencionados têm mais quatro que são Uriel, Sealtiel, Jehudiel, e Barachiel.

Vale ressaltar que em textos gerais falam como arcanjos todos os anjos. Mas pela Igreja, só Miguel é arcanjo e os demais são anjos. Seguem a etimologia dos nomes dos três anjos:

Samuel (Hebraico) *Shamah* – verbo ouvir, “o que escuta (o Senhor) Deus”;

Rafael (Hebraico) “r” e “f” significa curar/sarar, “medicina de Deus”;

Gabriel (Hebraico) significa força, “quem está na força de Deus”;

Os anjos todos tem o final *el*, que em hebraico significa estar pelo Senhor, com o Senhor e no Senhor. “El” é “Senhor”, nome de deus semítico, usado para anjo e arcanjo enquanto “ser do Senhor”. Assim, *Uriel* em hebraico é אוריאל, *Uri'el*, em hebraico tiberiano *Ūrî'ēl* “chama de Deus” ou “Deus é luz” (Born, 1977:74).

De modo mais detalhado, apresentamos um estudo de um dos quatro hagiônimos de anjos citados nos textos apócrifos, a título de curiosidade, por ele ser um antropônimo de uma celebridade muito conhecida. Entretanto, esse hagiônimo é tão raramente usado como antropônimo quanto os demais. Então, só a título de ilustração, apresenta-se o hagiônimo *Barachiel* significando “que tem as bênçãos de Deus”. Assim, têm-se:

Barachi-el ~ *Barbabi-el* ~ *Baraq-el* ~ *Barak-el* ~ *Parachi-el* ~ *Varachi-el*.

⁷ Em <http://etimologias.dechile.net/?Jesus>. Acesso em 7 de outubro de 2015

c. Arcanjo Miguel

Nos escritos rabínicos descrevem “(...) Miguel e seus anjos” combatendo o mal. Nos termos judaico e cristão ele é o principal dos anjos. O termo *arcanjo* é hebraico *arc-* definido como *arché* + *anjo*. *Arché* é começo, princípio e *anjo* já foi discutido anteriormente. O hagiônimo *Miguel* é analisado como *mi-* é “o que é” e “quem é”. A escrita hebraica não tinha sinais de pontuação, algumas palavras traziam consigo um significado inquisitivo, como é o caso de “*mi-*” e *ka-* é “como”, “similar”.

A forma *Miguel* (Hebraico) é “quem assemelha a Deus”, em português é “aquele que está na frente”, “quem é de Deus” (Born, 1977:989). As várias formas encontradas são *Miguel* ~ *mica-el* ~ *mich-el* ~ *mika-el* ~ *mija-el*.

d. Santa Maria (Nossa Senhora)

Comumente se conhece Nossa Senhora por vários nomes e títulos, sendo alguns como *Ave Maria*, *Virgem Maria*, *Virgem Santíssima* e alguns outros que são relatados abaixo, mas importa dizer que na linguagem popular esses nomes sofreram transformações que os tornaram quase irreconhecíveis.

Só para ilustração, *ave* ~ *áfi* ~ *áf*; *virgem* ~ *víge* ~ *víxi* ~ *vix*. Essas expressões hoje já estão quase que totalmente desassociadas da origem religiosa que é voltada a Nossa Senhora, como se constata nos *bate-papos* na internet e nos diálogos entre os pesquisados e roda de jovem. Na sequência, apresentam-se alguns dos nomes e títulos que essa santa recebeu.

Só a título de constatação, o antropônimo *Maria* é, sem discussão, o nome mais comum em Goiás e no Brasil como um todo. Há uma fala de um informante que diz “*Maria* não é nome, é prefixo”. Isso reforça a afirmação de que tal nome é abundante, e mais, que a maioria das mulheres que traz esse nome, ele é o primeiro ou o segundo, e sempre é acompanhado ou acompanha um dos vários nomes de Nossa Senhora. Por exemplo, *Maria Aparecida* ou *Aparecida Maria*.

d.1 Nossa Senhora do Rosário ou Nossa Senhora do Santo Rosário

Título recebido pela aparição de Nossa Senhora a São Domingos de Gusmão, em 1208, na igreja de Prouille, quando lhe dá o rosário. *Rosário* se refere a uma coroa de 150 rosas brancas. Daí surge o termo *terço* que representa a terça parte do rosário.

No ano de 800, os monges rezavam os cânticos religiosos (os saltérios) que são compostos de 150 salmos. Os leigos, que eram em sua maioria analfabeta, passaram a

rezar 150 Pai Nossos no lugar dos salmos. Eles usavam uma bolsa com 50 pedrinhas para rezarem. Com o passar do tempo, usaram um cordão com 50 nós e um nó maior depois dos pequenos para saberem que já haviam terminado de rezar, e o repetia três vezes, concluindo o rosário. Em 1365, fez-se uma combinação dos saltérios dividindo-o em 15 dezenas e colocando um Pai Nosso no início de cada dezena. Informações obtidas em <http://www.acidigital.com/rosario/surgio.htm>. Acessado em 20 de novembro de 2015.

d.2 Nossa Senhora do Rosário dos Pretos

No Brasil colônia, os negros escravos e forros (séc. XVII) passam a venerar Nossa Senhora do Rosário num altar da Sé da Bahia, em Salvador. Os negros se organizavam em grupos para se solidarizarem entre si, conhecidos por irmandades ou confrarias.

Formalmente, a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário foi constituída em 1685. As irmandades negras eram associações religiosas leigas que promoviam “entre seus membros a partilha e a proteção recíproca.” (Matos, 2011:149). Elas eram também um meio de reivindicação e proteção de seus integrantes, além de ser um espaço em que podiam viver seus cultos e se sentirem promovidos social e religiosamente.

A padroeira da população negra no Brasil é Nossa Senhora do Rosário e é celebrada através das congadas. Nesse evento, eles se vestem de reis e rainhas.

Na época passada, 1685, e ainda na atualidade, eles ostentavam o distintivo de ‘irmão’ e participam nas procissões dos brancos com lugar ‘oficial’. Isso garantia sua igualdade perante os brancos.

No que se refere ao uso do hagiônimo *Rosário* para antropônimo, sabe-se que é muito usado na região de Goiás. No entanto, chama a atenção para um fato: quase todas as mulheres que têm esse nome, e de faixa etária de 55 anos de idade para abaixo, demonstram não gostar de seu nome. Elas, então, omitem-no assumindo um apelido, ou só se apresentam como *Maria*.

d.3 Nossa Senhora do Carmo ou Nossa Senhora do Monte Carmelo

Esse hagiônimo surge quando um convento é construído em homenagem a Nossa Senhora no Monte Carmelo, em Israel. A característica dela é a devoção ao escapulário que teve início com São Simão Stock, entre os anos 1230-1250, quando Nossa Senhora deu um escapulário para esses religiosos que moravam no convento

usarem para se defenderem. “Escapulário” vem de *scapularium* do latim tardio “que cobre as espáduas (ombro)”. <http://www.basilicadocarmocampinas.org.br/origem.htm>. Acessado em 20 de novembro de 2015.

Esse antropônimo é bastante comum entre as pessoas com idade acima de 50 anos. Normalmente, elas são chamadas por *Ducarmo* e demonstram aceitar ser esse seu nome naturalmente. Às vezes essas mulheres substituem *Ducarmo* por *Carmen*, mas constatou-se que, na maioria das vezes, elas até consideram honroso de assim serem chamadas. Mesmo assim, é perceptível que nenhuma das entrevistadas vê seu nome relacionado ao hagiônimo *Nossa Senhora do Carmo*.

d.4 Nossa Senhora Aparecida

A história de Nossa Senhora com o título de *Aparecida* inicia-se na segunda quinzena de outubro de 1717, quando em Guaratinguetá-SP pescadores não conseguiam pegar peixes. Estando eles já exaustos, passaram a rezar pedindo ajuda a Nossa Senhora. Então, ao lançarem a rede, pegam uma imagem de figura feminina sem a cabeça, pescam a cabeça dessa imagem quando lançam a rede novamente. Logo tentaram pescar e conseguiram pegar uma enorme quantidade de peixe.

Após esse evento no rio, ela passou a ser uma das mais veneradas santas no Brasil. Muitos milagres são atribuídos à intercessão dela, inclusive, ela é a padroeira do Brasil.

O termo “aparecida” é um hagiônimo que passou a ser muito popular no Brasil, tanto para antropônimos quanto para antropotopônimos. Esses não ficam relacionados ao verbo “aparecer”, eles são usados referindo-se exclusivamente ao hagiônimo.

Uma curiosidade é que *Maria Aparecida* é o nome feminino mais usado no Brasil, segundo o Serviço Federal de Processamento de Dados (SERPRO), na estatística de 2014.

Para o povo, esse nome remete a uma santa negra. Os não católicos que têm nome de *Aparecida* chegam a dizer “Eu detesto esse meu nome, ele me faz lembrar aquela negrinha”.

Importa chamar a atenção de que, apesar de muito conhecida pelos brasileiros, os pesquisadores demonstraram não saber que a imagem é de cor negra pelo tempo que ficou perdida nas águas do rio. Os brasileiros, em sua maioria, referem-se a Nossa Senhora Aparecida como uma santa negra, mas como ela é a mãe de Jesus, deve haver a compreensão de que não pode ser de pele muito escura.

d.5 Nossa Senhora do Ó

Nossa Senhora recebe esse nome baseado na exclamação ou suspiro *oh!*. Antes era “Nossa Senhora de Expectação do Parto da Beatíssima Virgem Maria”. A devoção surgiu em Toledo, na Espanha.

Esse hagiônimo só é aplicado a topônimos, como por exemplo, *Freguesia do Ó*, em São Paulo. Nossa Senhora com esse hagiônimo é devotada também nas igrejas do Nordeste, mas no estado de Goiás não se tem notícia de devoção a ela.

d.6 Nossa Senhora de Guadalupe

O nome *Guadalupe* passou a ser difundido no Brasil mais recentemente, por ela se tornar a padroeira da América de Sul. A motivação foi política e social, por ela mostrar a necessidade de repensar a realidade dos índios marginalizados da América.

Esse nome é dado a Nossa Senhora por ser o nome do lugar onde está colocada a túnica com a estampa de Nossa Senhora. Essa túnica está preservada até os dias atuais, o que chama a atenção de muitos cientistas, além da pintura que está impressa nela.

Segundo relatos históricos, em Tepeyac, no México, em 1531, um índio vê uma senhora que pede para falar para o bispo fazer uma capela para ela. Mas o bispo só acreditou nessa fala quando o índio levou umas flores que a senhora mandou para ele.

O bispo passa a acreditar na fala do índio porque as flores não eram daquela região e a túnica desse índio estava pintada com essas flores e com a imagem de Nossa Senhora. Isso deixou até mesmo o índio surpreso porque não tinha nada desenhado em sua túnica antes de estar diante do bispo.

Esse hagiônimo não foi encontrado na região centro-oeste, nem em outras regiões brasileiras. O que se sabe é que ele é mais comum entre os índios do Peru e México.

d.6 Nossa Senhora Desatadora dos Nós

Em 1700 surge a devoção na cidade de Ausburgo, na Alemanha, quando um pintor faz um quadro de 1,10 metros de largura por 1,82 metros de altura. Esse pintor se inspirou na meditação feita por um bispo de Lyon, em que faz um paralelo com o que São Paulo fala sobre Adão e Eva dizendo que “Eva, por sua desobediência, atou o nó da desgraça para o gênero humano; ao contrário, Maria, por sua obediência, o desatou!”.

Esse é outro caso de hagiônimo que não passou a ser usado como topônimo e muito menos como antropônimo. Ele é muito comum denominando uma santa devotada pelo povo de Goiás e reverenciada nas igrejas da região.

d.8 Nossa Senhora do Perpétuo Socorro

Refere-se a um quadro tradicional bizantino ligeiramente modificado pelo estilo medieval. Nele está a pintura de Nossa Senhora com o menino Jesus nos braços. Ele está expressando susto e tem a sandália do pé direito arrebitada. Ele segura o polegar direito da mãe e olha para o Anjo Gabriel que está com a cruz.

Essa ilustração do quadro retrata uma história popular que se tornou uma novena bastante conhecida pelos católicos. O nome Perpétuo Socorro é relacionado ao socorro que Nossa Senhora demonstra ter dado a seu filho que passa por um apuro e representa que para sempre socorrerá também o povo.

Socorro é muito usado como antropônimo nas regiões do Norte, Nordeste e Centro-Oeste. As mulheres que receberam esse antropônimo têm por apelido *Corrinha* que normalmente faz parte do nome *Maria do Socorro*, mas é costumam omitir o *Maria* por ser muito comum.

d.10 Nossa Senhora da Penha

Um monge sonha com uma imagem enterrada em uma serra de nome *Penha*. Conta a lenda que ela foi escondida lá por ocasião de uma guerra entre franceses e muçulmanos. A montanha se chamava assim por ser uma espécie de penhasco, por isso também nomeou a imagem de Nossa Senhora. O local é chamado Penha de França, no norte da Espanha.

A imagem que o monge havia sonhado era uma senhora com um menino no colo. Com ajuda de alguns moradores da região, ele encontra a imagem e reconhece ser Maria com o menino Jesus no seu colo.

Outro hagiônimo que não está sendo usado como antropônimo, salvo alguns poucos para pessoas com idade acima de 50 anos, mas Nossa Senhora da Penha ainda é referência de festa religiosa no interior de Goiás.

e. Santos Reis

Esses santos são muito populares em Goiás e Minas Gerais se tomá-los pelos eventos que acontecem em homenagem a eles como é o caso da “Folia de Reis”.

Inclusive, há bastantes antropônimos por causa dos hagiônimos dos Santos Reis, conhecido como os reis Magos. Na língua coloquial são *reis Mago*.

Belquior, Gaspar e Baltazar são os hagiônimos dos magos mencionados no evangelho de São Mateus. Segue a análise etimológica e as variações desses três hagiônimos:

Belquior ~ Belchior ~ Melquior ~ Melchior “meu Rei é luz”; no português coloquial tem-se *Belchor ~ Belchó ~ Berchor ~ Berchó ~ Brechó*.

Gaspar “aquele que vai inspecionar”; de origem persa *Kansbar* é administrador do tesouro. Esse hagiônimo em alemão é *Kaspar* e *Kasper*, em holandês encontra-se como *Caspar* e *Kasper*. Em português, esse antropônimo é pouco comum e quando se encontra é como *Gaspá*.

Baltazar “Deus manifesta o Rei”. Origem assíria, *Bel-šarru-usur* é “Deus protege o Rei”.

Esse hagiônimo é usado como antropônimo pouco popular entre os povos de Goiás, salvo em alguns casos de filhos de mineiros que vieram para Goiás e esse foi encontrado como *Batazal*. Claro que é um tipo de equívoco do escrivão que trocou o “r” por “l” e apagamento do “l”.

f. São Pedro

Simão era o nome de um dos apóstolos de Jesus, mas ele passou a chamar-se *Pedro*, depois *Pedro Apóstolo* em hebraico כִּיפָא, em grego Πέτρος, *Pétros*, “pedra”, “rocha grande e maciça”. Cristo muda seu nome para כִּיפָא, *Kepha* (*Cefas* em português) em aramaico, em latim como *Petrus*, “petra” com o mesmo significado.

Esse hagiônimo é muito difundido como antropônimo em todas as regiões do Brasil. Inclusive, São Pedro é um dos santos mais populares e é um dos santos homenageados das festas juninas. Essa festa é parte do folclore nacional, que é realizada até nas escolas, além das paróquias.

g. São Benedito

O Mouro, o Africano, o Negro e também São Benedito. Nasceu na Cecília em 1524, na Itália, filho de escravos da Etiópia. Seu nome, *Benedito* vem do latim *benedictus*, *a, um* significa “bem dito”, “louvado”, particípio passado de *benedicere*.

É um santo bem venerado no interior de Goiás, mas o seu hagiônimo é encontrado como antropônimo para a geração mais antiga. Quem tem esse antropônimo

toma por apelido *Dito*, ficando na linguagem coloquial apenas *Ditu*, *Ditinho* ou *Binidito*. Também é usado para referir a situações difíceis, complexas, como indica a expressão “*será o binidito?*” na fala popular.

h. São Expedito

O termo “expedito” vem do latim *expeditus*, uma corruptela de *elpidius*. *Spedito* significa “enviado”. Vem de “expedir”, significando também mandar, enviar, despachar. Em italiano *Spedito* quer dizer despachado, o que vai ser enviado com urgência ao seu destino.

Há muitas versões sobre a história desse santo, uma delas é que ele era um militar do exército romano da infantaria ligeira; outra versão é a de que ele era responsável pela entrega de correspondências e nunca deixava de cumprir essa tarefa com rapidez. Ele era armênio e foi morto em 19 de abril de 303.

Ainda é muito usado como antropônimo no estado de Goiás e muito venerado pelos leigos. É comum encontrar muitos panfletos desse santo nos bancos das igrejas com sua oração. Isso é feito como uma forma de pagar pela graça recebida ou que está pedindo.

i. Padre Cícero

Cícero Romão Batista, brasileiro, nascido Crato no Ceará, foi sacerdote em Juazeiro do Norte, cidade também no Ceará. Ele é conhecido como *Padre Cícero* ou *Padrinho Cícero*, na fala coloquial *Padim Cição*.

Em 1871, ele foi convidado para celebrar a missa do Galo no povoado de Juazeiro, voltando no ano seguinte, com 28 anos de idade, para ficar no povoado. A motivação de sua volta foi uma visão, ou sonho, em que ele viu Jesus Cristo e os doze apóstolos sentados numa mesa. Nesse momento, entra uma multidão de pessoas pobres e ele entendeu que essa multidão era de retirantes nordestinos. Padre Cícero disse ainda que Cristo, virando-se para essas pessoas, ordenou-o que tomasse conta delas, e assim ele o fez. Envolveu-se com os pobres e aceitou ser padrinho de cada um que lhe pedia ajuda. Por isso, ele ficou conhecido por *Padrinho Cícero*, ou seja, *Padim Cição*.

Cícero é um antropônimo muito comum em todo o Brasil, sendo todos, sem exceção, motivados pelo nome do Padre Cícero, pois ele é assumido pelo povo como santo, independentemente da decisão da Igreja Católica.

Neto (2009) relata os milagres que ele fez em vida, sua expulsão da Igreja e a obediência dele à Igreja até sua morte, e inclui documentos em que o clero assume não aceitar os feitos do Padre Cícero. O autor diz

A esse respeito, uma sentença historicamente atribuída a Pierre-Auguste Chevalier, o ex-reitor do Seminário da Prainha, resume toda a questão. O velho sacerdote francês, destituído do cargo desde a revolta dos seminaristas, ainda acumularia as disciplinas de moral, liturgia e direito canônico. Já praticamente cego, maltratado pelo reumatismo e por outros males da idade, Chelier era uma espécie de conselheiro informal da diocese. Para ele, sobre aquele assunto de hóstias que sangravam e se transformavam em carne em pleno Cariri, só uma coisa podia ser dada como certa: Nosso Senhor não iria deixar a Europa para fazer milagres no Brasil. (Neto, 2009:108).

Essa discussão aparece no capítulo 5, onde o autor discute esse tema “Bispo decreta investigação: Deus sairia da Europa para fazer milagre no Agreste?”, instigando ao questionamento de que o Senhor se interessaria por aqueles que já são assumidos “bem sucedidos” no mundo.

j. São Paulo

São Paulo era *Saulo*, em hebraico *Sha'ul*, em grego antigo *Saul*, *Saulos* nome relacionado ao rei Saul, rei de Israel que foi sucedido pelo rei Davi da tribo de Judá. *Saulus* significa descendência ligada ao rei Saul e *Paulus* significa o menor. Em grego *paulos*, em latim *paulus* ou *paullus* que significa baixo, curto.

Das várias versões dessa mudança, uma delas é a de que ele desejou se distanciar da história do Rei Saul, que perseguiu Davi. Depois de conhecer Jesus Cristo, entendeu que ele é muito pequeno.

Esse hagiônimo é sempre usado como antropônimo. Ele se refere a um santo muito venerado pela igreja e pelos fieis. Esse é um hagiônimo extremamente respeitado em toda a região Centro-Oeste, Norte e Sudeste.

Considerações finais

Estudar alguns dos hagiônimos mais comuns em Goiás e no Brasil exigiu a inclusão de termos relacionados ao sagrado e discutir o contexto religioso no Brasil

colônia. Os termos incluídos neste estudo são alguns daqueles mais usados pelo catolicismo. Eles são *santo, Deus, anjo, Jesus Cristo* e outros.

Os hagiônimos foram analisados etimológica e historicamente. Constatou-se que muitos deles têm um significado interiorizado à expressão, por exemplo, São Paulo “o menor de todos”, São Pedro “pedra”, *Cristo* “ungido” e outros. No que se refere a expressão para se referir a Deus, viu-se que são várias, uma delas é YHWH uma abreviatura do hebraico *Y eu H sou W o que H sou*.

Quanto ao hagiônimo *Nossa Senhora*, ele se manifesta de muitas formas. O processo mais comum é receber acréscimo de um topônimo, por exemplo, *Nossa Senhora de Fátima, da Penha, de Lourdes* e outros.

Há casos bem numerosos de acréscimo ao hagiônimo *Nossa Senhora*, expressões outras como *da Boa Morte, do Perpétuo Socorro, do Oh!, das Graças, Aparecida, Auxiliadora* e outros. Há também outras expressões acrescentadas a esse hagiônimo como *do Rosário, da Medalha Milagrosa, Desatadora dos Nós* e assim por diante.

Durante as pesquisas sobre a colonização do Brasil, em específico, sobre os estados de Goiás e Tocantins, compreendeu-se que dos hagiônimos tomados por antropônimos no passado, poucos sobreviveram ao tempo. Assim, apesar de haver constatado o direcionamento da religiosidade dos lugares colonizados, confirmou-se que a cada dia esse acontecimento vem, naturalmente, se enfraquecendo. Nos últimos anos, nota-se um descarte de algumas tradições quanto ao processo de nomear como o enfraquecimento dos hagiônimos em tornarem-se topônimos.

O relevante desse estudo foi a constatação de que a maturidade do povo leva a mudanças irreversíveis em várias situações, por exemplo, na aceitação de topônimos e mudanças de antropônimos. Isso se confirma pela preferência de um antropônimo em detrimento de outros para seus filhos e na omissão do próprio nome substituindo-o por um apelido. Inclusive, alguns casos de aparente hagiônimo. Por exemplo, o aeroporto de Goiânia se chama *Santa Genoveva* por pedido do dono do terreno que ao tê-lo doado para tal fim fez a exigência que colocassem o nome de sua mãe, que era *Genoveva*.

Essas e outras afirmações pautam-se nas pesquisas feitas na região que levaram os pesquisados a repensarem o processo de criação de povoados e cidades nos estados de Goiás e Tocantins.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Born, A. Van Den. 1977. *Dicionário enciclopédico da bíblia*. Rio de Janeiro: Vozes Ltda.

Brito, A. N. 2003. *Nomes próprios: semântica e ontologia*. Brasília: Editora Universidade de Brasília.

Campbell, L. 2004. *Historical Linguistics: an introduction*. Cambridge. The MIT Press.

Campbell, J. 1990. *O poder do mito*. São Paulo: Palas Athena.

Dick, M. V. P. A. 1992. *Toponímia e Antroponímia no Brasil: coletânea de estudos*. 3ed. São Paulo: FFL/USP.

Hamilton, Peter (Ed.). 1995. *Durkheim: Critical assessments. Second Series, v.6*. London, New York: Routledge.

Hoornaert, E. 1974. *Formação do catolicismo brasileiro*. Rio de Janeiro: Vozes.

Neto, L. 2009. *Padre Cícero: fé e guerra no sertão*. São Paulo: Companhia das Letras.

Matos, H. 2011. *Nossa história: 500 anos de presença da Igreja Católica no Brasil*. t.1. Período Colonial. 3.ed. São Paulo: Paulinas.

<http://hridiomas.com.br/origem-da-palavra-peixe/> <Acesso em 12 de novembro de 2015>

<https://www.google.com.br/webhp?sourceid=chrome-instant&ion=1&espv=2&ie=UTF-8#q=lagol%C3%A2ndia+go> <Acesso em 1 de setembro de 2015>

<http://santo.cancaonova.com/santo/martirio-de-sao-joao-batista-o-ultimo-e-maior-dos-profetas/> <dia 1 de setembro de 2015>

<https://www.google.com.br/webhp?sourceid=chrome-instant&ion=1&espv=2&ie=UTF-8#q=padrinho+cicero+juazeiro>

<https://www.google.com.br/webhp?sourceid=chrome-instant&ion=1&espv=2&ie=UTF-8#q=s%C3%A3o+expedito>

https://pt.wikipedia.org/wiki/Paulo_de_Tarso <dia 1 de setembro de 2015>

<http://www.basilicadocarmocampinas.org.br/origem.htm>